

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NO PROCESSO DE REMOÇÃO DA FAVELA DA PRAIA DO PINTO

Aluna: Luciana dos Santos
Orientadoras: Margarida de Souza Neves
Silvia Ilg

Introdução.

A PUC-Rio desde a sua origem é uma universidade voltada para a pesquisa. É também uma das universidades pioneiras no que diz respeito à pós-graduação no Brasil. A PUC-Rio busca, em sua história, a excelência e a inovação acadêmica na área de ensino e pesquisa. Estes são traços de suas atividades tanto no que diz respeito à graduação quanto à pós-graduação.

Consciente da importância de construir uma memória institucional para a formulação de projetos futuros desta Universidade, a Vice-Reitoria Acadêmica criou, em 2006, o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio, cujos objetivos iniciais eram pesquisar, recolher, selecionar, sistematizar, cadastrar e publicar em seu *site* (<http://www.ccpq.pucRio.br/memoriapos>) registros da memória da Universidade, que, até então, estavam dispersos nos vários acervos dos departamentos ou mesmo em acervos privados. A relação entre graduação e pós-graduação, ensino e pesquisa nesta universidade revelou a necessidade de ampliação do projeto e seus objetivos. Em 2008, o Núcleo original tornou-se o *Núcleo de Memória da PUC-Rio*.

O acervo do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* é dinâmico, em constante atualização, plural e descentralizado. O Núcleo assume a feição de um **lugar de memória**, no sentido que tal conceito ganha na formulação do historiador Pierre Nora [1], ou seja, no tríplice sentido de ser um **lugar físico** de construção da memória, um **lugar cuja função** é fazer memória e um **lugar simbólico** da memória institucional da Universidade.

Através dos seus diferentes usos e serviços voltados à comunidade acadêmica, o *Núcleo de Memória* é reconhecido institucionalmente como **lugar de memória** da Universidade, servindo de referência para toda a PUC-Rio e para pesquisadores de outras instituições e núcleos de pesquisa. Em 2010, a PUC-Rio comemora seus 70 anos de existência, e as celebrações programadas para este ano dão ao *Núcleo de Memória* uma excelente oportunidade para mostrar a toda comunidade acadêmica o trabalho que vem realizando até então. Além de suas atividades usuais, o *Núcleo de Memória* está engajado na produção do livro comemorativo dos 70 anos da PUC, além de estar envolvido na execução de uma exposição e de um concurso de fotografia, do qual poderão participar funcionários, alunos e professores da Universidade.

O presente Relatório Anual descreve as atividades desenvolvidas pelos bolsistas do *Núcleo de Memória da PUC-Rio* do período de 31 de maio de 2009 a 16 de julho de 2010.

O Núcleo, sob a coordenação da professora Margarida de Souza Neves e da pesquisadora Silvia Ilg, conta com uma equipe composta pelo assistente técnico Clóvis Gorgônio, pelo fotógrafo Antônio Albuquerque e pelos bolsistas Eduardo Gonçalves, Elisabeth Cordeiro, Juliana Cordeiro de Farias e Luciana dos Santos, Roberto Azevedo e Paloma da Silva Brito.

Este Relatório se divide em duas partes: a primeira, o Relatório Técnico, de caráter descritivo, apresenta as atividades realizadas pelo grupo de pesquisa como um todo e as

contribuições pessoais de cada um para o Núcleo; a segunda parte, o Relatório Substantivo, apresenta um texto consolidando o trabalho de cada pesquisador até o momento.

Atividades da equipe:

A participação da equipe no Projeto pressupõe tarefas principais como:

01. Localização e registro de documentação escrita, iconográfica, filmográfica, registros sonoros e documentos tridimensionais diretamente e indiretamente selecionados ao tema do Projeto nos acervos da PUC-Rio;
02. Seleção, coleta e tratamento do material documental;
03. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;
04. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo;
05. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro de metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
06. Revisão de transcrição de entrevistas para suporte texto (digital);
07. Realização de seminários internos com a participação do grupo de pesquisadores para discussão de textos teóricos sobre os conceitos de Cultura, Memória, Identidade e História Oral e sobre temas como História da Pós-Graduação e da Pesquisa no Brasil;
08. Realização de reuniões técnicas semanais com a participação do grupo de pesquisadores tendo como principais objetivos sistematizar a agenda de tarefas semanais, trocar experiências sobre o cotidiano das visitas feitas aos acervos pesquisados e demais trabalhos realizados nos Departamentos, Centros, Decanatos, Vice-Reitorias, Reitoria da PUC-Rio, acervos externos e para sanar as dúvidas que possam surgir sobre as rotinas de trabalho do Projeto;
09. Publicação do acervo através do *website* Núcleo de Memória da PUC-Rio e da Agenda PUC-Rio;
10. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no *website* Núcleo de Memória da PUC-Rio e na Agenda PUC-Rio;
11. Manutenção e atualização do *website* institucional do *Núcleo de Memória da PUC-Rio*;
12. Atendimento a solicitações, via mensagem eletrônica, telefônica e presencial, quanto à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos do acervo e perguntas sobre temas abordados pelo acervo. As consultas, internas e externas a PUC-Rio, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
13. Cópias em mídia digital dos documentos solicitados pelos diversos setores da universidade e externos a ela;
14. Outras atividades.
 - 14.1. Lançamento da Agenda PUC 2010, produzida pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio, em 17 de dezembro de 2009.
 - 14.2. Visita da equipe do Núcleo de Memória ao Proedes (Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade, da Faculdade de Educação da UFRJ), em 26 de janeiro de 2010.
 - 14.3. Apresentação do Núcleo de Memória no evento “História às Sextas”, organizado pelo Departamento de História da PUC-Rio, nos dias 27 de novembro de 2009, 12 de março e 14 de maio de 2010.
 14. 4. Primeira visita da equipe do Núcleo de Memória ao Centro de Documentação e Informação do InfoGlobo (Jornal O Globo), em 24 de março de 2010.

- 14.5. Ida da equipe do Núcleo de Memória ao Seminário Digitalização e Difusão de Acervos Históricos: A experiência recente do CPDOC, em 09 de abril de 2010.
- 14.6. Participação de bolsistas do Núcleo de Memória no evento “PUC por um dia”, em 16 de abril de 2010.
- 14.7 Pesquisa e atualização de dados para as cronologias sobre a PUC-Rio e seus departamentos;
- 14.8. Entramos em contato com o Jornal do Brasil a respeito da pesquisa a ser realizada pelo Núcleo de Memória em seu acervo;
- 14.9. Organização de um concurso de fotografias, a ser realizado em agosto de 2010;
- 14.10. Pesquisa no acervo da Reitoria da PUC-Rio, iniciada em maio de 2010;
- 14.11. Seleção de fotografias para compor as galerias no site dos 70 anos da PUC-Rio;
- 14.12. Elaboração de um texto ilustrativo para as galerias.

Atividades Individuais: Luciana dos Santos

No período que compreende este relatório (agosto de 2009 a agosto de 2010), realizei as seguintes atividades abaixo:

1. Revisão dos Anuários da PUC-Rio:

Os Anuários da Universidade já haviam sido fichados em 2006. A equipe realizou uma revisão destes fichamentos, de modo a incluir as informações referentes à graduação da PUC-Rio.

- Os anuários dos seguintes anos ficaram sob minha responsabilidade: 1944, 1947, 1948, 1952, 1956, 1960, 1964, 1968, 1972, 1976, 1980 e 1984.
- Alguns desses anuários estavam localizados no próprio Núcleo de Memória, mas outros foram disponibilizados pelo Acervo do CTCH/ Maria Loureiro - Decanato 10º andar do Prédio Leme.
- Foram digitalizados e catalogados os gráficos, tabelas e fotografias contidos nos anuários.
- Segue abaixo um trecho do fichamento do Anuário de 1960:

Fichamento Anuário PUC-Rio

Anuário da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Ano: 1960

Localização: Decanato CTCH (Maria Loureiro)

257 p.

Responsáveis: Ana Beatriz Oliveira, Eduardo Gonçalves Luciana dos Santos.

Efemérides 1960

16/03 – Reunião com antigos alunos das diversas faculdades e escolas da PUC, presidida pelo Vice-Reitor Pe. Laércio Dias de Moura, que discutiu as bases de uma atuante associação de antigos alunos.

25/03/1960 – O Pe. F. X. Roser, Diretor do Instituto de Física, viajou para os Estados Unidos como delegado do Brasil na VII Reunião da Comissão Científica da ONU em Nova York.

05/04/1960 – O aluno Vitor Manzolilo de Moraes da Faculdade de Direito foi condecorado com 3 medalhas no concurso universitário de Literatura promovido pela Revista “O Cruzeiro” em colaboração com a Campanha de Assistência ao Estudante.

18 a 24/04/1960 – O Dr. Geraldo Siffert, Diretor do Instituto de Aperfeiçoamento Médico, viajou para a reunião da Comissão de Educação da Organização Mundial de Gastroenterologia na Noruega, da qual é Presidente. Neste evento, o programa do Instituto da PUC foi considerado o melhor e o mais completo.

13/06/1960 – Inauguração pelo Presidente da República do Computador Eletrônico da PUC, modelo Burroughs 205, único existente na América Latina.

20/06/1960 – Inauguração do Centro de Dosimetria ou Laboratório de Análises Radioativas da PUC pelo Alte. Octacílio Cunha, Presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

13/07/1960 – 3º aniversário de Fundação da Escola de Líderes Operários. Houve uma bênção das instalações da nova sede na Rua Senhor dos Passos e distribuição dos certificados dos alunos concluintes da 12ª. Turma.

22/07/1960 – O Pe. Roser participou em Piracicaba do XII Congresso Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências, apresentando trabalhos com os professores Pe. Inácio Cantarell e Pe. Thomaz Cullen.

07 e 14/08/1960 – Coleta anual das Paróquias – Matrizes, Igrejas e Capelas na Arquidiocese do Rio de Janeiro-, que teve por objetivo manter a obra educativa da Universidade Católica.

12/10/1960 – Foi aprovada pelo Reitor a Fundação do Núcleo de Economia e Sociologia Aplicadas (NESA), organismo vinculado ao Instituto de Estudos Políticos e Sociais com objetivos de atender à procura de pesquisas econômicas e sociais de caráter geral, por entidades públicas ou particulares.

19/10/1960 – O professor Arthur Hehl Neiva, Vice-Diretor da Escola de Sociologia e Política, viajou para os EUA a convite do Departamento dos Estados Americanos.

16/11/1960 – Início do 1º Curso de Programação utilizando o Computador Eletrônico do Centro de Processamento de Dados. Novos cursos estavam programados para ocorrer em dois meses.

22/11/1960 – A Escola de Sociologia e Política do Instituto de Estudos Políticos e Sociais foi reconhecida oficialmente através da publicação de um decreto.

24/11/1960 – O professor Paulo César Machado da Silva foi condecorado com a medalha e o título de Cidadão Carioca, pela sua dedicação ao magistério brasileiro.

26/11/1960 – O Professor Dr. Luiz Augusto de Rêgo Monteiro foi condecorado com a Medalha de Ouro do Mérito do Trabalho pelo Ministério do Trabalho, pelos serviços prestados ao progresso do Direito Social.

04/12/1960 – Inauguração da nova sede da Escola de Enfermagem “Luiza de Marillac” Rua Dr. Sattamini.

17/12/1980 – Cerimônia de Colação de Grau da 1ª. Turma da Escola de Sociologia e Política e do Instituto de Psicologia Aplicada.

2. Revisão das cronologias dos Departamentos que constituem a PUC-Rio:

A partir dos fichamentos dos anuários, nós realizamos uma revisão das cronologias dos Departamentos, de modo a inserir informações a respeito dos cursos de Graduação dos mesmos.

- A mim, coube o trabalho sobre os seguintes Departamentos: Direito, História, Matemática, Letras, Engenharia de Elétrica e Teologia.
- Para complementar os dados dos anuários, nós acessamos os sites dos Departamentos para verificar as informações encontradas e acrescentar outras.
- Segue, como exemplo, a cronologia do Departamento de Direito:

Cronologia do Departamento de Direito:

Responsável Luciana dos Santos

No início de 1941 começaram a funcionar a Faculdade de Filosofia e a faculdade de Direito, autorizadas pelo Decreto nº6.409 de 30.10.1940.

1947- No dia 19.07.1947, no Colégio Santo Inácio, faleceu de doença cardíaca o Revmo. Pe. Eduardo Magalhães Lustosa, primeiro Diretor da Faculdade de Direito e da Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Rio de Janeiro.

1947 - No dia 20/10/1947, o Reitor Magnífico Pe. Leonel Franca, S. J., nomeou o Catedrático de Direito Internacional Privado, professor Dr. Haroldo Teixeira Valladão, para o cargo de Diretor da Faculdade de Direito.

1956 - Em quatorze de setembro de 1956 ocorreu um debate sobre a Liberdade Sindical, na Faculdade de Direito, com a participação do Prof. Luiz Augusto do Rego Monteiro, Dr. Clay Hardman de Araújo, Diocleciano Holanda Cavalcanti e vários Presidentes de Sindicatos Operários.

1943 - Plano de Estudos da Faculdade de Filosofia: relação de disciplinas por série dos seguintes cursos: Filosofia, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia.

1943 - Os alunos das Faculdades de Filosofia e de Direito lançaram o primeiro número das suas Revistas: Realidades e Ensaios, abordando a vida intelectual, social e desportiva dos respectivos alunos.

Em 1945, concluiu o curso de bacharelado em Direito a primeira turma de alunos.

1945 - Foram criados os prêmios: Freitas Bastos (bacharelado mais distinto de Direito) e PE. Eduardo Lustosa (aluno mais distinto de Direito).

1950 - O Professor Dr. Pedro Calmon, de Direito Internacional, foi nomeado Ministro da Educação e Saúde.

1950 - No dia 17.04.1950 foi inaugurado o Curso de Direito Canônico da Universidade Católica, destinado aos portadores de diploma de escola superior ou estudantes de escola também superior e aos sacerdotes. Funcionava na Av. 13 de Maio.

1951 - Em 06 de abril, o professor Gaston Tessier, président de la Confédération Française de Travailleurs Chrétien et de la Confédération Internationale des Syndicats Crétiens, realizou uma conferência na Faculdade de Direito.

1956 - Em 14/09 ocorreu um debate sobre a Liberdade Sindical, na Faculdade de Direito, com a participação do Prof. Luiz Augusto do Rego Monteiro, Dr. Clay Hardman de Araújo, Diocleciano Holanda Cavalcanti e vários Presidentes de Sindicatos Operários.

1957 - 30/08/1957 – O professor catedrático de Direito Industrial e Legislação do Trabalho, Dr. Luiz Augusto do Rego Monteiro, recebeu a Ordem do Mérito Militar, no grau de comendador, pelos serviços prestados à segurança Nacional.

1957 - 31/12/1957 – O professor Haroldo Valladão, catedrático da Faculdade de Direito, foi eleito para o Comitê Internacional de Direito Comparado, Conselho Diretor da Associação Internacional de Ciências Jurídicas da UNESCO. O Anuário aponta que foi o primeiro latino-americano eleito para este Conselho.

1951 - Em 03 de agosto, o Desembargador M.M.Serpa Lopes realizou conferência na Faculdade de Direito.

05/04/1960 – O aluno Vitor Manzolilo de Moraes da Faculdade de Direito foi condecorado com 3 medalhas no concurso universitário de Literatura promovido pela Revista “O Cruzeiro” em colaboração com a Campanha de Assistência ao Estudante.

1964 - 28/09 – Colou grau de Doutor em Direito o diplomata Miguel Angel Espeche Gil, Secretário da Embaixada Argentina, sendo o primeiro aluno do curso de Doutorado da Faculdade de Direito.

3. Catalogação de documentos:

Cada visita tem como objetivo pesquisar, coletar, selecionar documentos e fotografias encontradas, digitalizando e cadastrando em metadados, como este abaixo:

Vide exemplo abaixo:

Metadados

Núcleo de Memória da PUC-Rio - Metadados dos documentos publicados no projeto

Código:

Título:

Autores/Criadores:

Assunto:

Descrição:

Identificador: Local:

Arquivo digital:

Contribuidor:

Editor/Publicador:

Data da Criação: Data de obtenção do documento:

Relações do documento com outros:

Tipo de documento: Número de Páginas/Tamanho em KB:

Formato do documento:

Fonte:

Idioma: Direitos Autorais:

Registro: de 320

5. Visita a Biblioteca Central da PUC-Rio.

Visita a Biblioteca Central, para entrevistar a Supervisora Patrícia Lima responsável pela Seção de Processamento Técnico, a respeito do acervo do Professor Junito Brandão. A mesma me informou que o acervo só estará disponível depois de terminadas as reformas da Biblioteca.

6. Visita ao acervo do PROEDS (Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade, da Faculdade de Educação da UFRJ).

Os pesquisadores Luciana dos Santos, Eduardo Gonçalves e Clóvis Gorgônio realizaram visita para pesquisar no acervo doado pela professora Stella Cecília Duarte Segenreich, ex-professora da PUC-Rio e da UFRJ. Os documentos pesquisados foram os que a professora utilizou na sua tese de doutorado. Por fim esse arquivo foi transferido para o Núcleo de Memória.

7. Visitas ao acervo do Arquivo Nacional.

- As pesquisadoras Elisabeth Cordeiro e Luciana dos Santos realizaram visitas ao Acervo do Arquivo Nacional em 04/03/2010. Na primeira pesquisa realizamos o agendamento para podermos pesquisar nos documentos. Nas visitas seguintes pesquisamos fotografias do Correio na Manhã, filmes do Cinejornal, fita K7, documentação escrita, pesquisa em mapas

digitalizados e processos do DSI. Foram requisitados vários documentos, três vídeos de um minuto, uma fita k7 e 140 imagens.

8. Seleção de fotos para as Galerias.

- No site dos 70 anos da PUC-Rio estarão disponibilizadas galerias de fotografias, cuja organização se dá em torno de temáticas significativas para ilustrar a trajetória da Universidade.
- Sob minha responsabilidade ficou a organização das galerias sobre Salas de Aula, o Parque Proletário da Gávea e Paquera na PUC-Rio, acontecimento e lugares que, de alguma forma, marcaram a história da Universidade.
- Ficamos encarregados também de escrever um pequeno texto para descrever tais galerias.

Relatório Substantivo:

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NO PROCESSO DE REMOÇÃO DA FAVELA DA PRAIA DO PINTO

Aluna: Luciana dos Santos
Orientadoras: Margarida de Souza Neves
Silvia Ilg

Introdução.

A memória dos indivíduos e das coletividades é formada por lembranças e esquecimentos. Neste trabalho, para pensar a questão da memória em relação à Favela do Pinto, pretendo operar com o conceito de lugares de memória, proposto por Pierre Nora [1] e, destarte, busco pensar a favela da Praia do Pinto como um lugar de entrecruzamento de lembranças e esquecimentos. É este entrecruzamento que fará dessa favela, nas suas dimensões física, simbólica e funcional, um lugar de memória para seus moradores e para a própria cidade do Rio de Janeiro.

A erradicação dessa favela em 1969, iniciada através de uma política de remoção promovida pelo Estado e concluída por um incêndio que muitos consideram como criminoso, é eloqüente em relação às políticas públicas e as reações da sociedade do Rio de Janeiro da década de 1960 em relação aos moradores de favela.

Foram selecionadas fotografias de três momentos significativos na história da Praia do Pinto: antes do incêndio, o incêndio e a mudança de grande parte de seus moradores para a Cruzada São Sebastião. Segundo a historiadora Ana Maria Mauad, as fotografias têm o poder de emocionar e de nos transportar para aquele momento em que foi tirada, “*A simples menção da foto já nos remete aos fatos e aos seus resultados*” [2]. Essas fotografias são muito mais do que um simples ato espontâneo, elas são fruto de uma seleção que começa quando o fotógrafo escolhe o que fotografar, passando pela a seleção não só do tempo como da nossa, aqui no Núcleo de Memória da PUC - Rio. A fotografia pode ser analisada enquanto um documento/monumento, já que, conforme disse a historiadora Ana Maria Mauad, parafraseando Jacques Le Goff; “*(...) há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/ monumento.*” [3]. Desta forma, a imagem tanto é

uma marca do passado, quanto um símbolo que foi escolhido para ser retratado e guardado para a sociedade no futuro.

As favelas e as políticas de urbanização para a cidade do Rio de Janeiro.

Para entender o processo da remoção da favela da Praia do Pinto é preciso fazer um pequeno resgate da história do Rio de Janeiro, que, desde seu início, é uma cidade partida e de grandes diferenças sociais. As políticas urbanas realizadas pelos governantes acabaram por contribuir mais para exclusão das populações desfavorecidas. Ao invés de buscar a integração entre as duas partes dispare da cidade, o Estado, através de políticas arbitrárias, subjugou as populações existentes nas favelas conforme seus interesses urbanísticos.

O processo de urbanização do rio de Janeiro começa com Pereira Passos, prefeito da cidade durante os anos de 1902 e 1906. Ele promoveu grandes reformas urbanísticas na cidade, com o objetivo de transformar o Rio de Janeiro, tendo Paris como mode. Para que grandes avenidas fossem traçadas, Pereira Passos usou a política pejorativamente conhecida como “bota-abaixo”, uma vez que resultou nas demolições dos cortiços localizados no centro da cidade, o que, por sua vez, impulsionou o crescimento das favelas. Mas havia uma grande ironia nas reformas feitas por Pereira Passos: a mão-de-obra, da qual ele necessitava, provinha fortemente do morro da Providência e do Bairro da Saúde, para onde se deslocaram os moradores dos antigos cortiços do Centro da Cidade. O morador da favela queria estar perto do centro, das oportunidades de trabalho, e a cidade continuou a precisar dessa mão de obra.

Com o passar dos anos e o crescimento da ocupação dos Morros, o preconceito ajudou a difundir políticas que visavam à extinção das favelas, principalmente a partir dos anos 1920. Neste período, as favelas eram vistas apenas como um problema sanitário, onde não existiam redes de esgoto ou de água encanada. Não havia ainda a criminalidade que marca os dias atuais. Os acontecimentos mais próximos da criminalidade eram confusões e contravenções leves, nas quais se envolviam capoeiristas e “malandros”. Os problemas sanitários que existiam nas favelas eram vistos como falta de higiene dos moradores e não como falta de políticas públicas para com esses moradores. Com isso, os favelados passaram a serem discriminados, e a favela passa a ser sinônimo para a falta de higiene e falta de segurança.

Na década em questão, o arquiteto francês Alfred Agache (1875 – 1959), um dos responsáveis pela consolidação do urbanismo no mundo, propôs um projeto urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro, onde considerava as favelas um problema “*sob o ponto de vista da ordem, social, da segurança, da higiene, sem falar da estética*”. [4]

Em 1937, no *Código de Obras da Cidade do Rio de Janeiro*, as favelas eram tidas como “*aberrações urbanas*”, e através deste Código ficou decretada a política de eliminação de favelas e proibição de construções de outros barracos. Além disso, o código proibia a melhoria dos morros já ocupados.

Na década de 1940, o então presidente Getúlio Vargas de forma autoritária procurou uma “resolução” para a questão habitacional. A solução encontrada fora criar os “Parques Proletários”, locais para onde eram levados os moradores dos morros. O primeiro de uma serie foi construído onde hoje se localiza o estacionamento da PUC - Rio, e que foi removido na década de 1970. Os parques 02 e 03 foram construídos nos bairros do Caju e do Leblon, respectivamente, com o mesmo tipo de estrutura que existia na Gávea. Juntas, as três unidades receberam mais de cinco mil pessoas. A promessa era que estes retornariam aos seus locais de origem assim que empreendidas melhorias de infra-estrutura. Porém, ninguém era autorizado a voltar e tais promessas não foram cumpridas.

O primeiro Censo nas favelas cariocas foi realizado em 1948, e, neste contexto, a Prefeitura do Rio de Janeiro afirma, surpreendentemente, num documento oficial, precedente às estatísticas, que: “Os pretos e pardos prevaleciam nas favelas por serem hereditariamente atrasados, desprovidos de ambição e mal ajustados às exigências sociais modernas”. [5]

Foi nesta conjuntura que, ao final da década de 1940 e início da década de 50, começaram a surgir as primeiras associações de moradores que tinham como objetivos evitar a remoção para “Parques Proletários”, lutar pelas melhorias na infra-estrutura das favelas e exigir respeito aos direitos dos habitantes das favelas. Na década de 60, Carlos Lacerda, inimigo político de Getúlio Vargas, governador do então Estado da Guanabara, continuou a política de retirar as pessoas de favelas e realocá-las em conjuntos habitacionais bem mais distantes do Centro da cidade. O mais famoso conjunto habitacional erguido por Lacerda está localizado no Bairro de Jacarepaguá e chama-se Cidade de Deus. Durante esse período, várias favelas foram eliminadas completamente como a da Catacumba, onde hoje se localiza um parque próximo a Lagoa Rodrigo de Freitas, e a do Esqueleto, onde está localizada a UERJ, no Maracanã.

A remoção dos habitantes da Favela da Praia do Pinto e sua transferência para a Cruzada de São Sebastião.

No entanto a história da favela da Praia do Pinto começa um pouco antes em um dos momentos de urbanização pelo qual a cidade passou. A favela da Praia do Pinto situava-se no que atualmente é uma área nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e o bairro do Leblon, e fazia parte de um conjunto formado por três favelas, conhecidas como Cidade Maravilhosa, Largo da Memória e Praia do Pinto, sendo esta última a maior delas. Segundo o censo realizado em 1950, e dados da Fundação Leão XIII [6], nela viviam 7.142 habitantes.

O surgimento desta favela ocorreu principalmente com o início da construção do canal do Jardim de Alá, a partir da década de 1930, e com a ampliação da linha de bondes da cidade do Rio de Janeiro em direção à freguesia da Gávea [7]. Seu crescimento está relacionado à valorização imobiliária das áreas adjacentes à Lagoa Rodrigo de Freitas, que aumentou a oferta de empregos no setor de serviços. Seus moradores, para ficarem mais próximos aos seus locais de trabalho, lá se estabeleciam e faziam crescer cada vez mais a favela. O contínuo processo de valorização imobiliária na área vai evidenciar os conflitos de interesses entre a favela e os bairros que a circundavam, onde uma população de alto poder aquisitivo se estabeleceria.

A partir da década de 1960, as políticas públicas em relação às favelas no Rio de Janeiro tinham como pressuposto a remoção dos moradores de favelas situadas nos bairros mais valorizados da cidade e sua realocação em outros espaços da cidade, por vezes muito distantes dos locais de trabalho da população favelada, com o objetivo de apagar a favela da cartografia física e simbólica da Zona Sul carioca.

Nesta década com a valorização cada vez maior dos bairros do Leblon e da lagoa Rodrigo de Freitas, a favela passou a ser vista como algo indesejável, o modo de vida destes moradores passou a ser criticados pelos residentes dos bairros vizinhos. A favela era, por muitos, vista como sinônimo de falta de higiene, criminalidade e maus hábitos. A favela é a face feia da cidade que ninguém quer ver e que precisa ser eliminada, principalmente quando se mora tão perto dessa dura realidade. Esse estigma vai acompanhar os ex-moradores da Praia do Pinto até a Cruzada, que sofre com este até os dias atuais.

Durante as décadas de 40 e 50 do século XX, a Praia do Pinto Foi alvo de vários incêndios, cujas origens são desconhecidas. Devido ao incêndio da favela da Praia do Pinto de 1952, Dom Helder Camara construiu o conjunto hoje conhecido como a Cruzada São Sebastião, e transfere para o coração de um bairro da alta burguesia do Rio de Janeiro a população que havia perdido seus barracos e pertences em um incêndio cuja origem nunca foi esclarecida e muitos consideraram criminoso, sobre cujos escombros viria a ser erguida uma série de edifícios altamente valorizados que a cidade conhece como Selva de Pedra. Desde o

início, esse projeto foi criticado por vários lados. De um lado a Fundação Leão XIII não achava justificável a construção da Cruzada São Sebastião, já que esta já tinha um projeto que construía centros sociais, escolas e clínicas que teriam a finalidade de urbanizar estas favelas. Do outro lado, os moradores dos bairros vizinhos combatiam a transferência para a Cruzada com a desculpa de que o conjunto se transformaria rapidamente em uma favela novamente.

Uma análise das imagens

Através da análise das fotografias presentes no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio, procuro entender como se deu esse processo de remoção e como este foi guardado na memória dos que a viveram. A foto a seguir pertence a uma série de fotografias da favela da Praia do Pinto antes da sua remoção.



Figura 1 Favela da Praia do Pinto, 1938 disponível na internet em <http://www.flickr.com/photos/frenetico/3441709445/>

No caso das fotos feitas antes do início da remoção, identifico o tipo de construção precária dos barracos. Estes são construídos com os restos de materiais provenientes de obras realizadas na cidade, feitos de madeiras que sobram das construções vizinhas, o teto é feito de zinco e, geralmente, contam com apenas um cômodo. Nesta imagem, podemos ver a favela em seu início, ainda sem os vizinhos do que mais tarde vai se tornar uma das áreas mais valorizadas da cidade. No entanto, é possível perceber a presença da arquibancada do atual estádio do Flamengo.

Nesta imagem, já é possível perceber a ausência dos serviços básicos de saneamento e do estado, o que, como já foi dito, era frequentemente visto como falta de higiene por parte dos moradores. A foto a seguir pertence a uma série de fotografias localizadas no site do Núcleo de Memória da PUC-Rio, em uma coleção que comemora o centenário de Dom Helder Camara.



Figura 2 Visita do Cardeal Montini a favela da Praia do Pinto, em 14/06/1960. Disponível na internet <http://www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/dhc/galerias/marialuizaamarante/imagens.htm#inicio>

A presença da igreja católica nas favelas é bem marcante. O pobre precisa ser tutelado para acompanhar a urbanização da cidade. Nas fotos da visita feita pelo então Secretário de Estado da Santa Sé, Cardeal Montini – que viria a tornar-se mais tarde – em 21 de junho de 1963 – o papa Paulo VI, também se pode perceber como eram as condições de vidas dos moradores da favela da Praia do Pinto, além de mostrar a face desses moradores, em sua maioria de negros, que ainda carregam em sua pele o estigma de anos de injustiças.

É possível perceber como eram as moradias, estas parecem menores que os moradores. Por sua proximidade a Lagoa Rodrigo de Freitas, quando chovia estes eram inundados e por não haver encanamento de esgoto era esta mistura de água da chuva e restos das fossas que invadia as casa. As crianças das fotos, a meu ver estão vestidas, para um dia importante, a visita ilustre merece as suas melhores roupas.



Figura fotografia tirada em 1969, disponível na internet do site <http://www.favelatemmemoria.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=84&tpl=printerview&sid=4>

A série de fotografias do incêndio de 1969, e é possível destacar nela a ausência do poder público, inclusive de bombeiros, policiais ou médicos. A maioria das fotografias é

constituída de registros de pessoas que tentam recuperar algum objeto que tenha escapado do incêndio. A maioria dos incêndios acontecia à noite, e pela manhã só se via o estrago causado por eles. Nos registros fotográficos pode-se notar apenas o que restou das casas que ali estavam. Muitas vezes os bombeiros só apareciam quando o incêndio estava controlado pelos próprios moradores.

Ao ver a fotografia desta menina só posso ter conjectura, e imaginar que cada objeto seu, cada momento que passou ali sumiu em um minuto e agora ela tem que procurar o mínimo vestígio para recomeçar, ao lado do que talvez seja o seu melhor amigo, ou apenas um cachorrinho de rua.



Figura 3 Dom Helder e Abé Pierre durante a construção da Cruzada São Sebastião, s.d., disponível no site <http://www.cpg.puc-rio.br/nucleodememoria/dhc/galerias/marialuizaamarante/imagens.htm#inicio>

Nesta imagem, parte da série de fotografias da construção e inauguração da Cruzada São Sebastião em 29 de outubro de 1955, aparece constantemente a figura de Dom Helder Camara com o um ar de tranqüilidade, mas com gestos largos. Ele aparece em vários momentos apresentando o seu projeto, por exemplo, na foto com Abé Pierre. Também é significativa a ausência de representantes do Estado nessas fotografias. Porém, a construção da Cruzada São Sebastião foi considerada uma vitória de Dom Helder Camara, visto que mesmo sem o apoio do governo e da igreja conseguiu levar adiante seu projeto. Localizada entre a praia do Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas é constituído por dez blocos, com sete andares cada um, contendo 906 apartamentos de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, outros de quarto e sala e algumas quitinetes. A Cruzada é considerada uma alternativa mais humana, que levava em conta a necessidade dos moradores de permanecerem onde haviam constituído uma história, além disso, havia a necessidade de ficar mais próximo dos locais de trabalho e das escolas de seus filhos, mas houve e ainda há muita resistência a sua permanência no bairro do Leblon. A luta contra o preconceito é, no entanto, travada diariamente pelos seus habitantes que, até os dias de hoje, carregam nas costas as injustiças enfrentadas por seus descendentes.

Conclusão.

As fotografias dessas séries, ao serem analisadas, nos permitem perceber a forma pela qual eram construídos os barracos, os moradores dessa favela, suas reações frente ao incêndio, a presença da Igreja e a realocação dos moradores após a construção da Cruzada de São Sebastião. As ausências são também bastante esclarecedoras no que diz respeito aos problemas enfrentados por esses moradores. Percebe-se que o Estado não estava presente, e pode-se concluir que a população moradora da favela não desfrutava da cidadania, da qual teria direito. Pode-se, então, considerar a favela da Praia do Pinto um *lugar de memória* da trajetória biográfica de seus moradores, das favelas cariocas e das políticas públicas em relação à população favelada na década de 1960. Ao passar pelo bairro do Leblon, atualmente, e se deparar com a Cruzada São Sebastião, esta pode ser vista como um lugar de memória simbólico, visto que ele trás a tona as lembranças e muitas vezes os esquecimentos de seus moradores para seus vizinhos e pelos seus idealizadores. É também um lugar de memória material, onde a história de se materializa, sendo também funcional já que carrega até os dias atuais a função de conservar esta memória.

Referências

- [1] NORA, Pierre **“Entre memória e história : a problemática dos lugares.”** IN Revista Projeto História. nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.
- [2] MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2, 1996.
- [3] MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. Rio de Janeiro: Revista Tempo, vol. 1, nº. 2, 1996.
- [4] <http://www.favelatemmemoria.com.br/publique>
- [5] ALVITO, Marcos. **As cores de Acari – uma favela carioca.** Rio de Janeiro: FGV, 2001. P. 271
- [6] SLOB, Bart. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro.** Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latino americanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. 63 p.
- [7] ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana no Rio de Janeiro.** 2ªed. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ Zahar Editora, 1988. 505 p.
- [8] Acervo documental do Núcleo de Memória da PUC-Rio.
- [9] Secretaria de Administração do estado da Guanabara. Estado da Guanabara, 1969.
- [10] NEVES, Margarida de Souza. “Lugares de memória da medicina no Brasil”; In: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria.htm> (disponível na INTERNET em 12 de julho de 2010).